

Amazônia Contra a Covid: uma pesquisa-ação em rede¹

Thiago Franco
Universidade Federal do Amazonas, Parintins/AM

Taynara Rodrigues de Oliveira
Universidade Federal de Goiás, Goiânia/GO

Daniella Pereira de Deus
Faculdade Sul-Americana, Goiânia/GO

Resumo

O presente estudo tem por objetivo apresentar o resultado de uma ação articulada a partir das teorias das redes, com foco nos laços fortes e fracos, levando em consideração o envolvimento total dos pesquisadores, em um planejamento de pesquisa-ação. A campanha Amazônia Contra a Covid atingiu a meta proposta, por meio dos laços fortes e fracos. Verificou-se a potencialização de alcance quando ambos laços se aglutinam.

Palavras-chave: redes; pesquisa-ação; Amazônia; campanha Amazônia Contra a Covid.

Introdução

O artigo está dividido em contextualização teórica-metodológica, apresentação analítica da ação e considerações finais. O objetivo do artigo é expor o resultado de uma ação articulada a partir das teorias das redes, com foco nos laços fortes e fracos, levando em consideração o envolvimento total dos pesquisadores, em um planejamento de pesquisa-ação.

Inicialmente se faz uma diferenciação do conceito clássico de rede e rede social, com o fim de alcançar uma breve abordagem do conceito de laços fracos e fortes. Em seguida é apresentado a metodologia de pesquisa-ação, compreendendo a imersão total dos pesquisadores no planejamento, execução e análise de uma ação de engajamento nas redes sociais, simultaneamente é considerada a própria execução da pesquisa organizacional. Na sequência, apresenta-se o planejamento da ação e das estratégias organizacionais.

A ação é a campanha Amazônia Contra a Covid que teve o seu planejamento elaborado a partir de uma rede de relacionamentos de professores da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). O objetivo da ação foi arrecadar fundos do tipo *crowdfunding* e promover conteúdos sobre a pandemia, para etnias do Estado do Amazonas. O planejamento atingiu a meta de R\$ 1.200.000,00 (um milhão e duzentos mil reais), para beneficiar comunidades ameríndias, durante cinco meses.

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho (GT) Comunicação digital, inovação e tecnologias, atividade integrante do XIV Congresso Brasileiro Científico de Comunicação Organizacional e de Relações Públicas.

Toda a organização foi realizada com contribuições coletivas e em rede. Conforme veremos no próximo tópico, a ideia de rede social não surge com a internet, as redes sociais modernas se desenvolvem de modo não-técnico, mas estrutural, a partir de conceitos de Radcliffe-Brown, influenciado por Émile Durkheim.

A constituição da *Rete*

Musso (2004, p. 17-38) afirma que a palavra rede tem um sentido muito antigo, já presente entre os gregos. O termo foi comumente empregado pelos tecelões da Grécia para indicar os tecidos por eles produzidos. Hipócrates (460 a.C. – 370 a.C.) já utilizava a metáfora da tecelagem e do labirinto para descrever as veias do corpo que se comunicavam entre si.

A metáfora foi transmitida ao longo dos séculos. Herófilo (335 a.C. – 280 a.C.) desenvolveu um estudo sobre a retina mais tarde retomada por Galeno de Pérgamo (130-200), que a descreve usando o termo *amphiblestron* (ἀμφίβληστρον em grego), que significava qualquer coisa colocada ou jogada ao redor, embora, a mesma palavra também significasse rede de peixe.

Gerard de Cremona (1114 – 1187) adaptou o termo árabe *reschet*, equivalente à palavra *amphiblestron*, com sentido de retiforme, e assim inventou a palavra retina. Contudo, de acordo com Musso (2004), provavelmente foi Marcello Malpighi (1628-1964) o primeiro que se apropriou do termo rede (*rete* em latim) para explicar a constituição reticular da pele e de outros tecidos.

Musso (2004) acredita que quatro disciplinas são responsáveis pela formação do conceito moderno de rede: a medicina misturada à economia política, a engenharia e o pensamento militar para a vigilância de território. Porém, é Saint-Simon que elabora uma concepção moderna de rede, uma filosofia do organismo-rede.

O nascimento do conceito moderno de rede, enquanto ele permite conceber e realizar uma estrutura artificial de gestão do espaço e do tempo, é contemporânea à obra de Claude-Henri de Saint-Simon (1760- 1825). A rede sai do corpo e torna-se um artefato superposto a um território e anamorfoseando-o (MUSSO, 2004, p. 23).

Saint-Simon elabora uma epistemologia do corpo não apenas orgânico, mas organizado. O organismo é tomado, inicialmente, como totalidade, ao mesmo tempo em que as redes são compostas do que é visível e invisível. “O organismo é a forma superior de organização, o paradigma de toda totalidade complexa racional” (MUSSO, 2004, p. 23).

Não é novidade que Saint-Simon é uma das bases do pensamento de Auguste Comte, que funda o modelo positivista aliado à ideia de organismo social, enquanto unidade. Modelo

que influencia a obra de Émile Durkheim, que, por sua vez, coloca o conceito social de Comte em debate, já que o comtismo não considerava a pluralidade de outras sociedades.

Assim, podemos ver como o conceito de rede se estabelece de autor em autor. Note como Durkheim define as redes, quando pensa a variedade de pequenos mundos sociais.

O mundo é feito de um número incalculável de redes que une as coisas e os seres uns aos outros. Estas redes são formadas de malhas complexas e são relativamente independentes. Os elementos que a elas se unem não são fixos e a forma dessa rede está sujeita a mudança: consistindo em uma pluralidade de pequenos sistemas, cada um dotado de uma vida autônoma. Ele se forma, se deforma e é constantemente transformado². (DURKHEIM, 2002, p. 34, tradução nossa).

A ideia de rede social não surge com a internet. Na terceira edição do livro *Social Network Analysis*, de John Scott (2013), o autor adiciona novos elementos ao prefácio e traz uma visão interessante sobre a estrutura das redes sociais. Scott (2013, p. 1) argumenta que as redes sociais se desenvolvem de modo não-técnico, mas estrutural, a partir de conceitos de Radcliffe- Brown, leitor assíduo de Durkheim. A partir dos anos 1930 a 1970, cresce o número de antropólogos e de sociólogos que utilizam o conceito de estrutura social e, com ele, as metáforas de “tecido” e “web” da vida social. *Web* pode ser entendida como teia e/ou rede.

Essa vertente a partir da Radcliffe-Brown é uma das correntes que surge em Harvard, como lembra o próprio John Scott (2000). É a base do surgimento da Análise de Redes Sociais (ARS) e é a tradição teórica que trabalhou as configurações interpessoais, as relações informais, modelos de grupos e subgrupos (RECUERO, 2014), (RECUERO; BASTOS; ZAGO, 2015).

Radcliffe-Brown e, através dele, Durkheim foi a principal influência nesta tradição de pesquisa. As ideias de Radcliffe-Brown foram especialmente relevantes entre os antropólogos na Austrália, onde ele havia ensinado por vários anos. Sua influência foi particularmente forte no trabalho de W. Lloyd Warner, que se mudou para Harvard em 1929 para se juntar ao seu colega australiano, o psicólogo Elton Mayo. Ambos trabalharam em uma série de investigações estreitamente relacionadas às fábricas e à vida comunitária nos Estados Unidos, e viram essas investigações como aplicações das preocupações estruturais da Radcliffe-Brown³. (SCOTT, 2000, p. 16, tradução nossa).

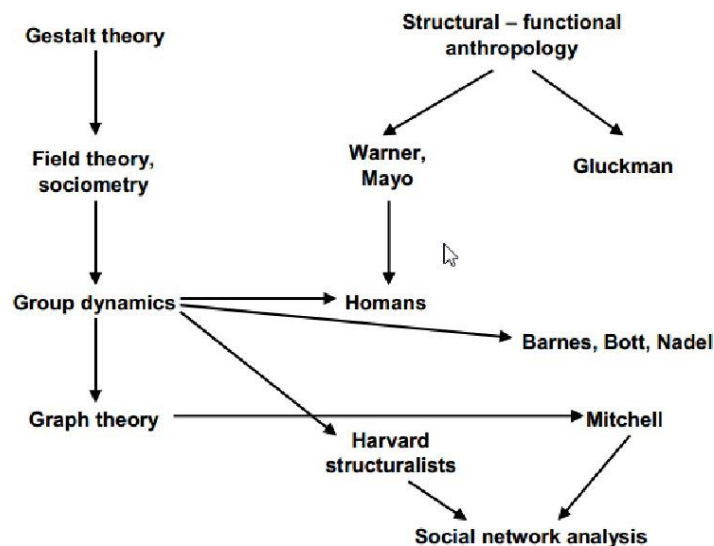
² Le monde est fait d'un nombre incalculable de réseaux qui unissent les choses et les êtres les uns aux autres. Ces réseaux sont formés eux-mêmes de mailles compliquées et relativement indépendantes. Les éléments qu'elles unissent ne sont pas fixes, et la forme même du réseau est soumise au changement : constitué d'une pluralité de petits systèmes doués chacun d'une vie autonome, il se forme, se déforme et se transforme sans cesse. (DURKHEIM, 2002, p.34).

³ Radcliffe-Brown and, through him, Durkheim were the major influences on this tradition of research. Radcliffe-Brown's ideas had been especially influential among anthropologists in Australia, where he had taught for a number of years. His influence was particularly strong in the work of W. Lloyd Warner, who moved to Harvard in 1929 to join his fellow Australian, the psychologist Elton Mayo. The two men worked together in a series of closely related investigations of factory and community life in America, and they saw these investigations as applications of the structural concerns of Radcliffe-Brown. (SCOTT, 2000, p.16).

Essa corrente a partir de Radcliffe-Brown surge em Harvard, como lembra o próprio John Scott (2000). É a tradição teórica que trabalhou as configurações interpessoais, as relações informais, modelos de grupos e subgrupos.

De acordo com Scott (2000), na prática, uma série de correntes muito diferentes contribuíram para formatar a ARS. Basicamente existem três tradições: os analistas do societário, que trabalharam, em pequenos grupos, métodos de teoria dos grafos, com fundamentação na teoria da Gestalt; os pesquisadores de Harvard da década de 1930 (já mencionados); e os antropólogos de Manchester, que se baseiam nas correntes anteriores para investigar a estrutura das relações em sociedades étnicas. Todas essas tradições foram reunidas novamente nos anos 1960 e 1970, em Harvard, quando a ARS foi criada de fato, conforme esquema 1.

Esquema 1. Cartografia da ARS



Fonte: Adaptado de Scott (2000, p.8).

Durante os anos de 1930, muitos dos principais teóricos da Gestalt fugiram da Alemanha nazista e se instalaram nos Estados Unidos, entre eles Jacob Moreno. Ele usou métodos psicoterapêuticos para descobrir a estruturação das escolhas de amizade. A intenção era explorar as formas em que as relações grupais das pessoas ocorriam de acordo com limitações e oportunidades. Era uma sociometria, que marcou toda uma geração de pensadores e que tinha como base o pensamento social alemão clássico que passa por Max Weber e Georg Simmel.

De acordo com Douglas, Harris (2007), Scott (2000), Fragoso, Recuero e Amaral (2011), Simmel é um dos precursores do estilo estruturalista nas ciências sociais. A partir da

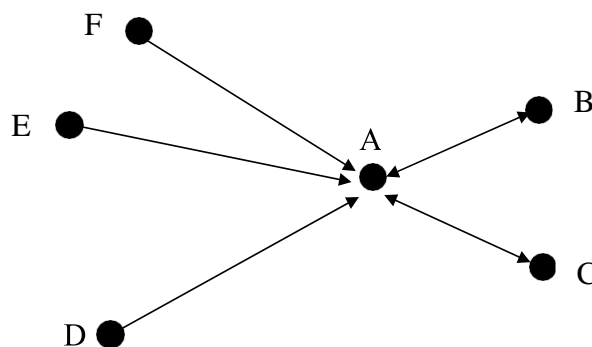
pesquisa na metrópole, Simmel antecipa em muitos aspectos a sociologia urbana, interação simbólica e análise de rede social.

Com fundamentos simmelianos, Moreno funda um periódico científico chamado *Sociometry*, em 1937. Investigava o bem-estar psicológico relacionado às características estruturais do que ele chamou de configurações-sociais. Estas configurações são basicamente estágios da escolha interpessoal: atração, repulsão, amizade e outras relações nas quais as pessoas estão envolvidas. É naturalmente parte da base ARS, que já era pensada a partir de relações de larga e pequena escala.

A preocupação de Moreno com as configurações das relações de pequena escala e agregados sociais de grande escala é uma expressão muito clara de algumas das principais ideias da sociologia clássica alemã, mais notavelmente as desenvolvidas nas obras de Weber, Tonnies e Simmel. De fato, a chamada sociologia formal deste último antecipou diretamente muitas preocupações sociométricas⁴. (SCOTT, 2000, p. 9, tradução nossa).

Contudo, a principal contribuição de Moreno foi provavelmente o "sociograma" como uma forma de representar as propriedades formais da configuração social. A representação já possuía em 1930 diagramas análogos aos da geometria espacial, com indivíduos representados por pontos e as relações sociais estabelecidas entre si configuradas por linhas. O esquema 2 representa pessoas conectadas a partir de amizades e repulsão. Antes de Moreno as “pessoas haviam falado de teias de conexão, o tecido social e, ocasionalmente, de redes de relações, mas ninguém tentou sistematizar essa metáfora em um diagrama analítico”⁵ (SCOTT, 2000, p. 10, tradução nossa).

Esquema 2. Estrela sociométrica



Fonte: Adaptado de Scott (2000, p. 10).

⁴ Moreno's concern for the relationship between small-scale interpersonal configurations and large-scale social aggregates is a very clear expression of some of the leading ideas of classical German sociology, most notably those developed in the works of Weber, Tonnies and Simmel. Indeed, the latter's so-called formal sociology directly anticipated many sociometric concerns. (SCOTT, 2000, p. 9).

⁵ [...] people had spoken of 'webs' of connection, the 'social fabric' and, on occasion, of 'networks' of relations, but no one had attempted to systematize this metaphor into an analytical diagram. (SCOTT, 2000, p.10).

De acordo com Scott (2013), o crescimento do interesse nas técnicas de redes sociais tem sido significativo desde a década de 1970. Desse modo, a ARS passou, nos últimos 40 anos, por refinadas fórmulas matemáticas, cálculos estatísticos e representações gráficas. A ARS sai de um modelo estrutural clássico para assumir um modo complexo de fórmulas matemáticas. O interesse nesse tipo de análise aumentou com a proliferação de sites de relacionamento como o *Facebook* e o *Twitter*, que oferecem redes instantâneas ou, ainda, o *whatsapp* que oferece a proximidade direta em grupos e subgrupos de interesses comuns, familiares e amigos.

Conforme, já sabemos, as conexões de uma rede são constituídas de nós e arestas. Elas são os diversos laços que ligam os atores. É a atuação de um ator em relação ao outro, ou seja, a interação em si. As conexões implicam em um processo comunicacional que, no ciberespaço, possui características próprias. A primeira delas, trazida por Recuero (2014), é que, em um primeiro momento, em uma interação que não conta com recursos audiovisuais, os elementos da linguagem não verbal não estão explícitos e a interpretação do que é posto é negociado durante o processo. Cada ator, por meio de sua bagagem de conhecimentos prévios, vivências e histórico interpreta, à sua maneira, a mensagem proferida e o contexto da interação é construído enquanto ela acontece.

A segunda delas é que as ferramentas trazidas pelo computador possibilitam uma multiplicidade de espaços para interações simultâneas. Um ator pode estabelecer conexão com outro migrando de uma plataforma a outra (no *Facebook*, *Instagram*, via e-mail, etc.), em um mesmo espaço de tempo. Essa característica converge para uma terceira: a interação assíncrona. Isso ocorre quando as respostas não são imediatas. Os atores, por não estarem conectados na Internet no mesmo momento temporal, geram tal dissonância. Algumas ferramentas tendem a ser mais assíncronas que outras (o e-mail, por exemplo), mas isso não é uma obrigatoriedade e varia de interação para interação.

Na Internet, é recorrente a presença de laços fracos e voláteis, pois há um distanciamento entre o perfil digital e o corpo físico do ator. Por outro lado, essa característica das redes digitais traz um sentimento de maior liberdade aos envolvidos na relação, que podem construir suas personas de acordo com o que lhes é mais conveniente. Os laços podem ser ainda multiplexos. Ou seja, eles podem refletir interações que ocorrem em vários níveis, espaços e sistemas. Laços fortes tendem a ser multiplexos e a marcarem uma desterritorialização, na qual novos espaços compõem a interação, até mesmo no ambiente *off-line*.

Uma perspectiva interessante a respeito dos laços que ligam os nós é a trazida por Granovetter (1973), integrante da geração mais recente da Harvard. Ele reforça, em seus estudos, a importância dos laços fracos para a continuidade de uma rede. Segundo esse autor, os laços fracos são responsáveis por uma maior quantidade de conexões com grupos sociais distintos, enquanto os laços fortes se restringem às relações de amizade e grande intimidade. Ou seja, sem os laços fracos, os grupos sociais ficariam configurados em ilhas isoladas e não formariam uma verdadeira rede.

Na ação específica da Amazônia Contra a Covid trabalhamos especificamente com a relação da força dos laços. A ideia era criar uma onda informacional em um horário programado, junto aos laços mais fortes e isso geraria um eco de replicação da campanha, obviamente apoiado por grandes volumes de laços fracos, organizados por influenciadores. Os laços fortes compõe a onda, mas são os laços fracos que levariam a informação aos grupos desconhecidos.

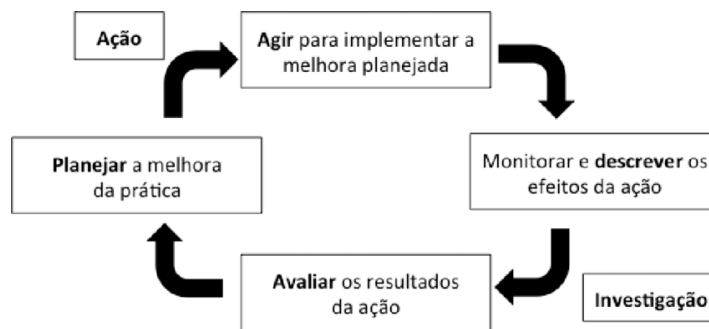
Sobre as práticas metodológicas

Na presente pesquisa, utilizamos como método a pesquisa-ação. Tripp (2005) e Thiollent (2011) mostram que regularmente a pesquisa-ação é confundida com estudo de caso e outras pesquisas de intervenção. Não é certo quem inventou a pesquisa-ação, existe uma variedade de linhas de aplicação e o termo vem caindo na superficialidade.

É difícil de definir a pesquisa-ação por duas razões interligadas: primeiro, é um processo tão natural que se apresenta, sob muitos aspectos, diferentes; e segundo, ela se desenvolve de maneira diferente para diferentes aplicações. (TRIPP, 2005, p. 445).

Desse modo, deve-se reconhecer que pesquisa-ação é apenas um modo dos inúmeros tipos de investigação-ação. A pesquisa-ação também deve obedecer um ciclo da investigação-ação, que leva em consideração o planejamento, a implementação, descrição das ações e a avaliação de mudança e/ou melhora no processo de investigação. Atualmente é aplicada em diversas áreas como educação, no estudo de organizações e comunicação (THIOLLENT, 2011).

Esquema 3. Ciclo da pesquisa-ação



Fonte: Adaptado de Tripp (2005).

Embora a pesquisa-ação assuma uma posição pragmática, altera o que está sendo pesquisado e é limitada ao contexto. Dentre as várias características da pesquisa-ação (TRIPP, 2005), destacamos três propriedades que se sobressaíram no nosso planejamento: proativa, participativa e intervencionista.

A pesquisa-ação tem característica proativa quando diz respeito a tomada de decisão, mudança estratégica, a partir da análise de informações. Tripp (2005, p. 448) mostra que o “saber da experiência aplicada a boas informações que só podem ser produzidas por processos de pesquisa bem fundamentados”.

A característica participativa da pesquisa-ação aparece na medida em que se incluem todos que estão envolvidos e é colaborativa em seu modo de atuar. Nesse processo, contamos com equipes de produção de ações e implementação das ações e, ainda, outras com foco na investigação.

Por último devemos considerar que a pesquisa-ação ocorre em cenários sociais não manipulados, por esse motivo não é pensada em cenários controlados. Na medida em que as informações emergem as ações planejadas são reavaliadas e se possível reposicionadas. Assim assume o caráter intervencionista.

Resultados alcançados com a campanha

A campanha Amazônia Contra a Covid teve seu planejamento elaborado em torno de um mês antes de sua efetiva divulgação. A ideia inicial foi contar com uma rede de professores da própria Universidade Federal do Amazonas (UFAM) e colaboradores que pudessem torná-la com projeção nacional.

A priori, os coordenadores nacionais e idealizadores da campanha tiveram que pensar nas etnias que seriam beneficiadas, bem como fazer um cálculo para saber qual seria a meta de

arrecadação. Ao todo, foram determinadas que as etnias Arapaços, do alto Rio Negro; Miranha, Ticuna e Kambeba, do Médio Solimões; Sataré-Mawé, do Baixo Amazonas; Ticuna, do Alto Solimões; e os Tenharin, da região Sul, seriam contempladas pela campanha. Assim, quanto maior o valor arrecadado, maior seria o tempo de ajuda. Foi estabelecida uma meta de R\$ 1.200.000,00 (um milhão e duzentos mil reais), para beneficiar durante cinco meses estas etnias.

Posteriormente, foi preciso entrar em contato com *influencers digitais* ou famosos que pudessem ajudar na campanha. O canal ‘Coisa de Nerd’, de Nilce e Leon, prontamente aceitaram o convite de colaborar com a divulgação. A partir do contato com eles, chegou-se a ONG Nossas, uma rede de ativismo do Rio de Janeiro, que ficou responsável pelo recebimento do valor arrecadado. Sob encargo da Gapmil (*Global Alliance for Partnerships on Media and Information Literacy*), da UNESCO, ficaram as cartilhas que serão distribuídas nas etnias beneficiadas.

A ONG Nossas forneceu um curso de capacitação para mobilizadores, aos principais organizadores da campanha, para que ampliassem o conhecimento acerca assunto. Dentre os conteúdos vistos estavam as estratégias de divulgação, narrativas textuais, entre outros.

Datou-se o início e término da campanha (26/06/20 – 17/07/20). Acordou-se que no primeiro dia de campanha, 26 de junho, todos os professores, servidores da UFAM, parentes e amigos, pudessem divulgar, a partir das 10 horas da manhã, no horário de Manaus⁶, textos e imagens-padrão, usando a #AmazoniaContraCovid, para mobilizar as redes, por meio dos laços fortes. As redes sociais mais utilizadas foram: *Whatsapp*, *Instagram*, *Facebook* e *Twitter*. Abaixo estão algumas imagens e textos que foram divulgados.

[Sugestão para postar nas redes ig e facebook]

A região amazônica já é um dos territórios mais afetados pela pandemia de Covid-19, o que tem deixado as comunidades indígenas ainda mais vulneráveis! Além da taxa de letalidade do vírus entre indígenas ser quase o dobro da taxa dos demais brasileiros, muitas famílias indígenas não podem nem sair de seus territórios para comprar comida.

A campanha #AmazoniaContraCovid precisa arrecadar R\$200 mil até o dia 17/07 para comprar cestas básicas e kits de higiene para 1.200 famílias indígenas de seis regiões em situação de extremo abandono. Doe agora o valor de uma cesta-básica e ajude as comunidades indígenas a enfrentar a fome: <https://bit.ly/AmazoniaContraACovid>

[Sugestão 1 para circular no ZAP]

🍄 A região amazônica já é um dos territórios mais afetados pela pandemia de Covid-19, o que tem deixado as comunidades indígenas ainda mais

⁶ 11 horas no horário de Brasília.

vulneráveis! E pior: a taxa de letalidade do vírus entre indígenas é quase o dobro da taxa dos demais brasileiros!

⚠ Muitas famílias indígenas estão em situação de extremo abandono e, sem poder sair de seus territórios, não têm conseguido nem mesmo acesso à comida.

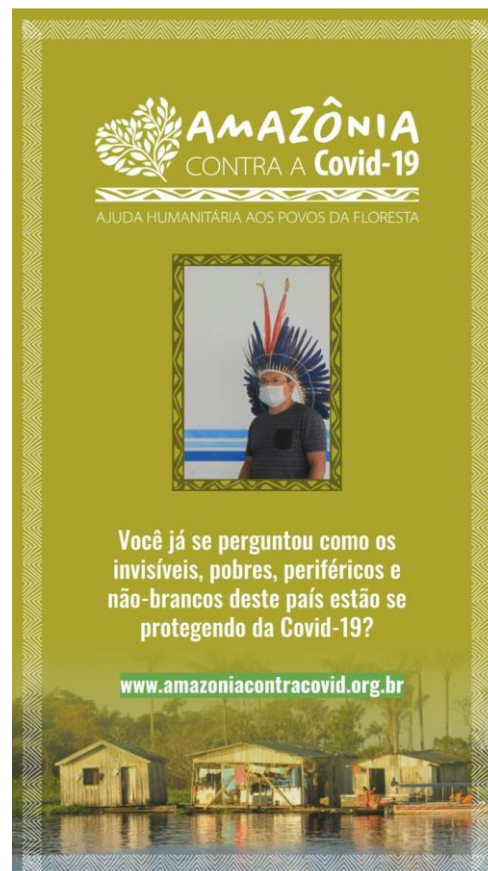
👉 Por isso, professores da Universidade Federal do Amazonas e ativistas de todo o Brasil se uniram para arrecadar R\$200 mil até o dia 17/07 para comprar cestas básicas e kits de higiene para 1.200 famílias indígenas da Amazônia!

👉 Doe agora o valor de uma cesta-básica e ajude as comunidades indígenas a enfrentar a fome: <https://bit.ly/AmazoniaContraACovid>

[Sugestão 2 para circular no ZAP]:

A região amazônica já é uma das áreas mais afetadas pela Covid-19 - e as comunidades indígenas que lá vivem estão correndo o risco de serem dizimadas! Esses povos estão sendo contaminados por invasores de suas terras e agora, sem poder sair de seus territórios por conta das medidas de isolamento, têm enfrentado a escassez de comida e a subnutrição. Acabei de apoiar um financiamento coletivo feito por ativistas e professores da Federal do Amazonas para comprar cestas básicas e kits de higiene para 1.200 famílias indígenas de seis regiões que estão em situação de extremo abandono. Doe você também em: <https://bit.ly/AmazoniaContraACovid>

Figura 1. Imagens de *instagram* e *whatsapp*



Fonte: organizadores da Campanha #AmazoniaContraCovid (de Marcelo Rodrigo).

Assim como abordado teoricamente, primeiramente foi necessário firmar os laços fortes. Portanto, no início da campanha, em suas primeiras horas, o engajamento se deu, estrategicamente, por pessoas próximas aos professores da UFAM e todos os envolvidos na campanha. Só posteriormente firmaria os laços fracos com programas televisivos, *releases* em sites e notícias e *lives* de famosos, com maior audiência, alcançando mais pessoas (desconhecidas).

Ainda no primeiro dia de Campanha, 26 de junho, o site ACrítica, do Amazonas⁷, e o site da Universidade Federal do Amazonas⁸, divulgaram informações sobre a ação. No mesmo dia, a noite, no canal HBO, no programa Greg News com Gregório Duviver, às 22 horas, foi discutido apenas o tema “indígenas”⁹. Nesta edição do programa, a partir dos 28min18seg, Duviver aborda sobre a campanha Amazônia Contra a Covid e convida aos telespectadores que doem por meio do site www.amazoniacontracovid.org.br, conforme visto na imagem a seguir.

Figura 2. Programa Greg News - Indígenas



Fonte: Canal da HBO no youtube

Nas primeiras 24 horas, o site já constava um total de R\$ 74.980,00 (setenta e quatro mil, novecentos e oitenta reais). Na primeira semana da campanha, a meta inicial era de 200 mil reais. Em dois dias, esta primeira meta foi atingida, subindo para 400 mil reais, até alcançá-la, e, assim, aos poucos, foi aumentando até atingir 1.000.000,00 reais (um milhão de reais).

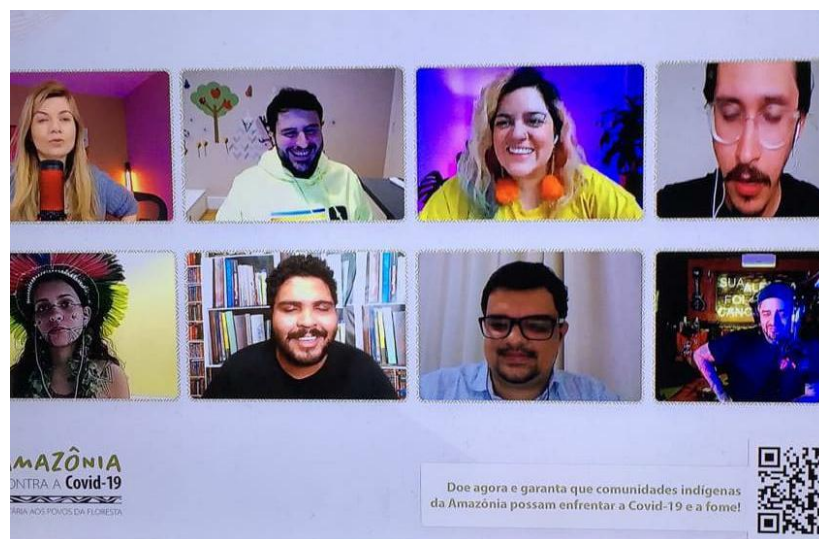
⁷ Disponível em: <https://www.acritica.com/channels/governo/news/campanha-arrecada-doacoes-para-indigenas-afetados-pela-covid-19-no-am>. Acesso em 27 jul. 2020.

⁸ Disponível em: <https://ufam.edu.br/ultimas-noticias/1576-docentes-do-icsez-lancam-campanha-de-arrecadacao-para-familias-indigenas-de-seis-regioes-do-amazonas.html>. Acesso em 27 jul. 2020.

⁹ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ya1TgJ_5N0Q. Acesso em: 27 jul. 2020.

Em 04 de julho, Nil Moretto, dos canais do Youtube “Coisa de Nerd”, “República Coisa de Nerd” e “Cadê a Chave?”, organizou uma *live* de divulgação e agradecimento pelo valor já arrecadado. A *live*, que começou às 17 horas, no horário de Brasília, tinha o foco de levar conhecimentos acerca dos indígenas, não somente solicitar doações. A *live* foi transmitida nos seguintes canais do Youtube “Cadê a Chave”, de Nil Moretto; “Nunca te pedi nada”, de Maíra Medeiros; e “Pipocando Games”, de Rolandinho. Nela, contou com a participação de: Alice Pataxó, Bruno Gagliasso, Christian Braga, Felipe Castanhari, Gabriela Prioli, Iberê Thenório, Leon Martins, Letícia Luba, Lucas Silveira, Maíra Medeiros, Mari Fulfaro, Naine Terena, Nil Moretto, Paulo Vieira, Rolandinho, Thelminha Assis (ganhadora do Big Brother Brasil 20) e Thiago Franco, como visto na fotografia 1.

Fotografia 1. Live Solidária #AmazoniaContraCovid



Fonte: Foto tirada pelos próprios autores

Durante a *Live* Solidária foram arrecadados, aproximadamente, 7 mil reais. Os bois de Parintins, Caprichoso e Garantido, também foram apoiadores da campanha, divulgando em suas redes sociais e *lives* que fizeram durante a pandemia, como visto na Figura 3.

O festival Afro Amazônico, no dia 10 de julho, também divulgou em sua *live*, por meio de um QR Code, o site para doações. Desde o planejamento até o dia 24 de julho de 2020, a meta de 1.200.000,00 (um milhão e duzentos mil reais), foi obtida. Até o dia 27 do mesmo mês, o site já havia registrado um total de R\$ 1.212.831,00 (um milhão duzentos e dozes mil, oitocentos e trinta e um reais), correspondendo a 101%.

Figura 3. Apoios dos Bois Caprichoso e Garantido



Fonte: organizadores da Campanha #AmazoniaContraCovid (de Marcelo Rodrigo).

Considerações Finais

De fato, mesmo diante de toda a organização não era possível prever o resultado da ação, pois trabalhávamos com um cenário não controlado. Tanto quanto a ação, a pesquisa se fez durante o caminho, em que foi percorrido. Tínhamos como foco a mobilização dos laços fortes, do apelo aos grupos de famílias e amigos e com o tempo a campanha tomou outra proporção.

Da mesma forma a pesquisa, que pretendia estudar o comportamento desses grupos teve que ser ampliada aos laços fracos. Laços fortes e fracos se completam, não é uma novidade. Contudo, podemos perceber a potencialização de alcance quando ambos os modos se aglutinam.

Pela teoria dos grafos, procurávamos os caminhos mais curtos para a mobilização, que era o convencimento direto pela empatia. Mesmo com a padronização de textos para a geração de volumes, em um tempo curto, a ação se concretizou de modo absolutamente convincente. Nas primeiras 48 horas já haviam 200 mil arrecadados.

Poucas semanas antes, também decidimos assumir uma tentativa de posição de intermediadores (*Betweenness centrality*). Não tínhamos muitos seguidores em nossas redes. Porém pelo percurso de credibilidade de cada professor, procuramos influenciadores que pudessem assumir a publicitação da campanha, enquanto os pequenos grupos a concretizava e os docentes a coordenava.

O resultado final foi a meta atingida e para o cenário da pesquisa ainda existem muitas considerações em aberto. Acreditamos que o tema da causa (Covid-19 e Povos Indígenas) ajudou muito, mas primordialmente o assunto foi recortado dentro de públicos que eram sensíveis as problemáticas dessas comunidades. Nesse sentido, destacamos o volume de mobilização dos laços fracos de Gregório Duvivier, que alavancou milhares participantes até a explosão de doações acontecer.

Referências

DOUGLAS L.; HARRIS K. Network Analysis in Public Health: History, Methods, and Applications. In: *The Annual Review of Public Health*, 2007.

DURKHEIM, E. *Pragmatisme et sociologie*. Paris: Edité par Librarie Philosophique J. Vrin, 2002.

FRAGOSO, S; RECUERO, R; AMARAL, A. Métodos de pesquisa para internet. Porto Alegre: Sulina, 2011.

GRANOVETTER, Mark. The Strenght of Weak Ties. In: *American Journal of Sociology*, n. 78, 1973.

MUSSO, P. A filosofia da rede. In: PARENTE, A. *Tramas da Rede: Novas dimensões filosóficas, estéticas e políticas da comunicação*. Porto Alegre, Sulina, 2004.

RECUERO, R. *Redes Sociais na Internet*. Porto Alegre: Sulina, 2014.

RECUERO, R.; BASTOS, M.; ZAGO, G. *Análise de redes para mídia social*. Porto Alegre: Sulina, 2015.

SCOTT, J. *Networks and Relations*. In: *Social Network Analysis*. SAGE Publications, 2013.

_____. *Social Network Analysis*. SAGE Publications, 2000.

TRIPP, D. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. *Educação e Pesquisa*, v. 31, n. 3, p. 443-466, 2005.

THIOLLENT, M. *Metodologia da pesquisa-ação*. 18. ed. São Paulo: Cortez, 2011.